

CARACTERÍSTICAS DA PSICOLOGIA AMBIENTAL EM AMBIENTES LABORAIS

Mariana Neumann

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
mariana_psicologia@hotmail.com

Ariane Kuhnen

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Doutora em Ciências Humanas pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Coordenadora do grupo de Psicologia Ambiental da ANPEPP – UFC
arianekuhnen@gmail.com

RESUMO

A Psicologia Ambiental consiste na análise da pessoa em seu contexto, tendo um olhar específico sobre as inter-relações entre a pessoa e o meio ambiente, e não somente as relações, mas no processo de retroalimentação entre o comportamento e experiências das pessoas e o ambiente físico. Considera o ambiente concreto onde se vive, trabalha, estuda como multidimensional e indissociável das condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas do contexto em questão. Esse artigo tem como objetivo apresentar estudos relacionados ao contexto de trabalho, apresentando algumas características físicas de organizações e suas implicações sobre o comportamento do trabalhador.

Palavras-chave: Psicologia Ambiental. Psicologia Organizacional. Ambientes laborais.

ABSTRACT

The Environmental Psychology is about the analysis of the person in its context, taking it as a specific look at how interrelationships between the person and the environment, not just as a connection, but also as a feedback process between the experiences, the behavior and the physical environment of the people. Is considered one established environment where a person lives, works, studies in a multidimensional way being inseparable from the social, economic, political, cultural and psychological needs. This article aims to present studies related to the work context, presenting some physical characteristics of organizations and their implications on worker behavior.

Keywords: Environmental Psychology. Organizational psychology. Labor environments.

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia Ambiental é relativamente nova nos estudos da Psicologia. Teve seu início na década de 1950 que se deu após a II Guerra Mundial por meio do processo de reconstrução das

idades. O quadro da política de reconstrução do pós-guerra implantou programas habitacionais de larga escala, onde pesquisadores do comportamento juntamente com arquitetos e planejadores urbanos tomaram consciência de que fatores como as necessidades comportamentais e psicológicas dos futuros moradores também deveriam ser considerados e não somente os princípios de construção estética do ambiente construído (CANTER; CRAIK, 1981).

Para estudiosos da História da Arquitetura as moradias do homem refletem os valores socioculturais da época e da região, expressa, além da necessidade de abrigo e conforto, necessidades psicológicas como a identidade, criatividade e harmonia com o mundo. “Quando os homens constroem casas, eles criam não só um ambiente físico, mas também um ambiente psicológico de significados, um mundo simbólico que reforça um esquema particular de gostos e valores.” (ITTELSON; PROSHANSKY; WINKEL, 2005, p. 01).

A Psicologia Ambiental se difere de outras áreas da psicologia por focar seu estudo na interação entre fenômenos sociais e espaciais e, não vê o ambiente apenas como estímulo ambiental. A P.A. abrangem os modos pelos quais o aspecto social e o aspecto físico do ambiente influenciam o comportamento das pessoas e como as ações das pessoas afetam seus entornos. (CORAL-VERDUGO, 2005).

A psicologia ambiental entre tantos contextos, também estuda os ambientes laborais, este lugar é vivenciado e experienciado pelos trabalhadores por uma carga expressiva de horas diárias, conseqüentemente adquire atributos culturais, sociais e organizacionais. Este lugar pode ser analisado em vários níveis, em maior ou menor escala; em sua construção apresenta propriedades arquitetônicas e com arranjos interiores que são definidos de acordo com seus critérios funcionais (RIBEIRO, 2005). Este espaço também apresenta aspectos físicos como as condições térmicas, de iluminação, de cor, sonoras e acústicas. Cabe a Psicologia ambiental estudar a relação entre os componentes físicos do ambiente e os fatores comportamentais (não físicos) representados pelos competentes organizacionais, temporais, sociais.

2. PSICOLOGIA AMBIENTAL

Nos fins dos anos 50 e início dos 60 a Psicologia Ambiental surgiu com o nome de Psicologia da Arquitetura (Architetural Psychology). A partir deste momento ela começou a ser reconhecida como uma área distinta da Psicologia. Porém, muitos trabalhos provenientes de outras

áreas, antes de sua existência, contribuíram para essa nova área da psicologia. Surgiu por meio de uma nova condição de trabalho para os arquitetos, que até então atuavam em uma relação direta com clientes privados. Porém, a necessidade deste período passou a ser de grandes obras públicas vinculadas à construção das cidades, onde surgiu a necessidade destes profissionais de compreenderem as necessidades dos futuros ocupantes neste novo ambiente. (LANGDON, 1966, apud CANTER; DONALD, 1986).

O termo Psicologia Ambiental surgiu em Nova Iorque pelos pesquisadores Itelson e Proshansky, eles começaram a estudar hospitais psiquiátricos, onde pesquisaram a influência dos *designs* das enfermarias sobre o comportamento dos pacientes. A partir deste momento uma série de estudos foi realizada para analisar o ambiente físico como parte integrante do *setting* terapêutico. (ITTELSON; PROSHANSKY; WINKEL, 2005).

Esta disciplina considera o ambiente concreto onde se vive, trabalha, estuda como multidimensional e indissociável das condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas do contexto em questão. Logo, a alteração de qualquer variável implica na alteração do todo. (CAMPOS-DE-CARVALHO, et al., 2011). Na definição de Moser (2005, p. 281) a psicologia ambiental é “[...] o estudo das inter-relações entre o indivíduo e seu ambiente físico e social, nas suas dimensões espaciais e temporais”. Portanto, a psicologia ambiental trata tanto do indivíduo quanto do ambiente e da relação destes.

Rivlin (2003, p. 2) propõe o termo “intercambio dinâmico” para representar a relação entre a pessoa e seu meio, onde a abordagem transacional esclarece a dinâmica da inter-relação pessoa-ambiente. Para Valera (1996, p. 7) a Psicologia Ambiental é definida com uma “(...) disciplina que tem por objeto o estudo e a compreensão dos processos psicossociais derivados das relações, interações e transações entre as pessoas, grupos sociais ou comunidades e seus entornos sociofísicos”

Para Gifford (2009, p. 1) A Psicologia ambiental é definida como “(...) o estudo da transação entre indivíduos e o cenário físico. Nestas transações, indivíduos modificam o ambiente e seu comportamento e experiência e, são modificados pelo ambiente.” Desta forma considera-se na P.A. três elementos básicos: 1) o comportamento e experiência humana; 2) o espaço físico; 3) a ligação recíproca entre o comportamento e a experiência com o espaço físico, conforme ilustrado na figura 01.

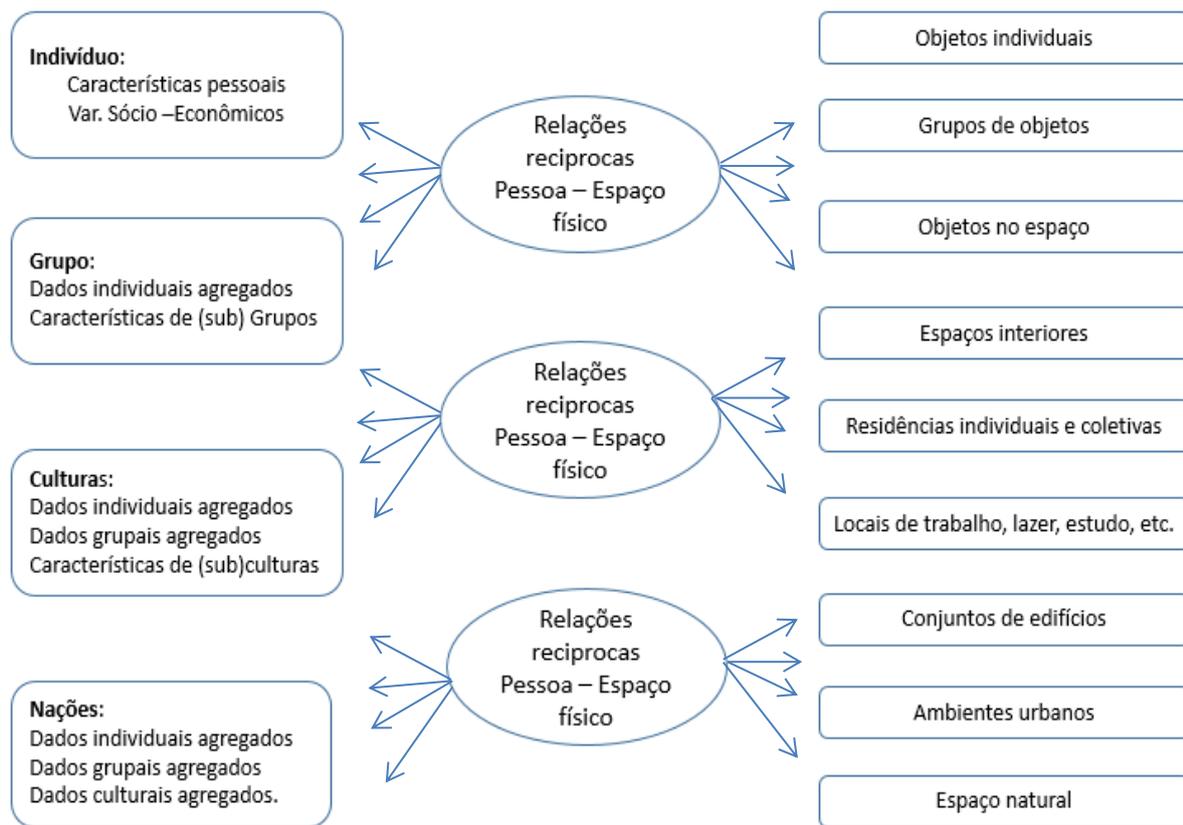


Figura 1: Analogia de uma correlação canônica Estudos Pessoa-Ambiente
 Fonte: Günther (2003, p. 275)

A figura 01 representa do lado esquerdo o conjunto de variáveis pessoais que abordam o comportamento e a experiência e, do lado direito o conjunto de variáveis espaciais, representando dimensões do espaço físico. No meio, as múltiplas interfaces entre os subgrupos de variáveis.

Para Moser (2005) a psicologia ambiental é analisada em quatro níveis: 1) o microambiente: o espaço privado, a moradia, implicando o indivíduo; 2) os ambientes de proximidade: os espaços partilhados semipúblicos, o *habitat* coletivo, o bairro, o lugar de trabalho, os parques e os espaços verdes, concernentes à comunidade de proximidade ou de vizinhança; 3) os ambientes coletivos públicos: as cidades, os vilarejos, e os povoamentos diversos, implicando os agregados de indivíduos; e 4) o ambiente global: o ambiente em sua totalidade, construído ou não, os recursos naturais e os concernentes à sociedade enquanto tal.

O comportamento não é apenas resultado de ações deliberadas e racionais, mas assim como em decisões de consumo, as decisões tomadas no dia-a-dia também são baseadas nos hábitos e nas tradições culturais, nos impulsos emocionais, na influência de amigos e familiares e em normas sociais. Os valores e atitudes não se originam em um vácuo sociocultural, mas estão integrados e

são nutridos em um contexto social que envolve classe social, gênero, etnia e um determinado cenário ambiental (UZZEL; RAHTZEL, 2009). Conforme argumentado no início desta discussão, a psicologia ambiental considera o ambiente, tido como multidimensional e indissociável das condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas do contexto em questão (CAMPOS-DE-CARVALHO, et al., 2011) onde o indivíduo é influenciado pelo ambiente assim como também exerce influência sobre este (GIFFORD, 2009; BATTISTON, et al., 2006).

Outra característica importante da Psicologia Ambiental é seu caráter interdisciplinar, pois institui vínculos com outras disciplinas interessadas na temática humano ambiental. Para Palmade (1979) a proposta da interdisciplinaridade é composta pela integração dos conhecimentos de diferentes disciplinas, a fim de criar uma nova estrutura conceitual comum aos diferentes saberes que entram em relação, transformando conhecimentos prévios existentes em um único conhecimento e em uma visão unificado sobre o objeto estudado.

O psicólogo ambiental mantém uma interface com outras disciplinas que estudam o mundo real a partir de suas percepções. Para Proshansky (1987, p. 4):

Para muitos psicólogos ambientais, eu inclusive, o campo é, por definição, praticamente interdisciplinar, por ser concebido a partir de uma disciplina orientada para o problema e interessada em questões importantes da relação pessoa/ambiente no entorno urbano. Do modo consciente ou não, ela se fundamenta em outros campos da psicologia, assim como em outras ciências do comportamento e das profissões do design.

A complexidade das questões ambientais requer a colaboração de outras disciplinas com diferentes percepções, dependendo do tema pode se trabalhar em consonância com engenheiros, arquitetos, biólogos, planejadores urbanos, paisagista, jurista, climatólogos, médicos etc. (GÜNTHER; ROZESTRATEN, 2005).

A figura 2 exemplifica as contribuições das várias disciplinas circundadas em uma perspectiva comum: as relações recíprocas pessoa-ambiente físico, sendo a Psicologia Ambiental a sub área da Psicologia que compartilha com as demais áreas entorno do círculo (Sociologia, Antropologia, Geografia, partes da arquitetura, planejamento urbano, desenho/ergonomia, paisagismo, entre outros).

A Geografia Humana contribui com seu olhar sobre o espaço, pois o espaço é o tema central da Psicologia Ambiental e da Geografia. Outra aspecto importante da Psicologia Ambiental que se destaca por sua consonância com a Geografia Humana é o fator tempo, pois para ambas o horizonte temporal é muito importante. (MOSER, 1998).

A arquitetura também se apresenta como uma disciplina bastante próxima da Psicologia Ambiental, pois a arquitetura observa “(...) o deslocamento da ênfase na análise de aspectos éticos/construtivos/funcionais do edifício para a preocupação com a percepção/satisfação dos usuários e com as implicações das intervenções em termos de paisagem.” (ELALI, 1997, p. 351). Esta disciplina volta seu trabalho para o micro ambiente representada pela residência, que é de grande importância para o indivíduo, pois neste espaço permeará parte de sua história, ali ele irá constituir uma família, tornando-o parte de sua vida.

Também há um diálogo com o Urbanismo que aborda o macro ambiente construído, representado pela cidade. Estes profissionais são responsáveis pelo planejamento das cidades, fazendo com que a Psicologia Ambiental tenha que trabalhar com ela em determinadas situações. (MOSER, 1998). A Geografia, a arquitetura e o urbanismo são as disciplinas que mais se relacionam com a Psicologia Ambiental.

A psicologia Ambiental não utiliza somente uma única abordagem, adota simultaneamente diferentes fontes de técnicas para coleta de dados aumentando as possibilidades dos elementos envolvidos no processo analítico. (SOMMER; SOMMER, 1980).

O psicólogo tradicional estuda o indivíduo, em sua maioria, isolando-o do seu ambiente diário com o propósito de obter descrições de sub-comportamentos discretos e quantificáveis assim, geralmente são realizados em laboratórios ou em outros contextos experimentais e controlados. A Psicologia Ambiental por estudar problemas do mundo real utiliza menos a situação do laboratório, porém não a exclui, opta estudar os indivíduos em seus contextos diários e intactos. (PROSHANSKY; WILKEL, 2005).

3. PSICOLOGIA AMBIENTAL NO CONTEXTO LABORAL

Quando falamos em aspectos físicos de trabalho, não podemos analisar somente o posto de trabalho do ocupante, que se apresenta de forma individual, devemos também considerar outros ambientes como corredores, espaços de lazer, salas de apoio, pois estes são parte integrante desse conjunto de ambiente laboral onde as pessoas permanecem ao longo de sua jornada de trabalho. Estudos de Sundstrom (1987) concluem que o espaço de trabalho muito pequeno pode criar desconforto, pois pode impedir a distensão dos movimentos e mudança de posição, também pode

provocar um sentimento de superpovoamento (crowding) em escritórios compartilhados (coworking).

A iluminação também é um elemento do ambiente estudado nos âmbitos industriais e em escritórios. Estudos confirmam que aspectos de fatores pessoais dos colaboradores como a idade, por exemplo, pode influenciar nesta relação (Ribeiro, 2005). Outro aspecto a ser considerado é o conteúdo da tarefa que o indivíduo desenvolve, podemos citar a utilização do computador que não depende apenas do tipo de tela, mas também a posição dele em relação às fontes de luz. Quando o equipamento estiver na posição em contra luz, pode ocorrer a diminuição da visibilidade provocando um esforço visual podendo afetar o desempenho e a saúde (BOSTI, 1984). NAGY e colaboradores (1995) estudaram escritórios em cave onde os resultados apontaram que os índices de satisfação em relação a iluminação eram mais baixos para os ocupantes dos pavimentos inferiores do que para os ocupantes do nível acima do chão.

Kjellberg et al (1996) estudaram o barulho no ambiente físico dos espaços de trabalho e concluíram que o incomodo com o barulho no ambiente laboral, seja ele em escritórios ou industrias, ocorre em sua maioria quando a fonte do ruído está relacionado a um terceiro e não é provocado por si próprio, por exemplo o barulho de telefones, conversas dos outros, equipamentos. A ausência de controle explica que o incomodo com o barulho do outro seja maior do que o seu próprio barulho. Ribeiro (2003) analisou o ambiente industrial em relação ao barulho e percebeu que o incomodo com o barulho era maior em contextos onde as taxas de acidentes de trabalho eram mais altas do que o incomodo apresentado nos contextos de baixas taxas.

A investigação sobre os efeitos da temperatura nos locais de trabalho alertam para o fato de não existir uma única temperatura que seja confortável para todos os indivíduos. Assim, tanto em ambientes industriais quanto em ambientes de escritórios, estudos apresentam uma grande insatisfação em relação a temperatura nestes ambientes (SUNDSTROM, 1987). O autor ainda apresenta os resultados dos estudos de Vernon (1918) onde a temperatura (calor ou frio) está relacionada com os acidentes de trabalho. Nos ambientes onde se utilizam aparelhos de ar condicionado e aquecimento de comando central, o controle sobre a temperatura do ambiente por parte dos ocupantes não existe, o que pode gerar insatisfação com este fator (RIBEIRO, 2005).

A presença ou ausência de janelas também desperta o interesse dos pesquisadores, Stone e Irvine (1994) concluíram em seus estudos que o desempenho dos colaboradores não altera em espaços com ou sem janelas, porém os espaços com janelas contribuem para que ambiente se torne

mais dinâmico, favorecendo as atividades que requerem criatividade enquanto que para as atividades rotineiras as salas sem janelas acusaram maior desempenho, mas o sentimento de aborrecimento diminuía quando se olhava pela janela. Ribeiro (2005) apresenta características importantes de um ambiente laboral com janelas, elas permitem a entrada de luz natural o que permite a aproximação do colaborador com o meio ambiente natural, apresenta efeitos de descontração, proporciona a percepção da hora do dia, da estação do ano, do tempo e renova o ar do ambiente interior. Porém, para a autora, alguns cuidados devem ser tomados como o grau de exposição ao sol, a existência de persianas para serem controladas pelos ocupantes, a tarefa e a forma e o tamanho da sala.

As plantas podem provocar o mesmo comportamento. As janelas em atividades repetitivas em que se faz necessário a presença da atenção concentrada, mas em contrapartida podem promover relaxamento no trabalho e a criatividade humana. Elas são utilizadas, em sua maioria, em escritórios com *layout* tradicional ou *open space*, quando utilizados neste segundo modelo (*open space*) geralmente é utilizado para fazer divisões entre os espaços para criar certa privacidade entre os ocupantes daquele espaço. Em alguns casos também é utilizada para personalizar o ambiente do posto de trabalho (RIBEIRO, 2005).

A cor é um dos elementos menos estudados, porém não pode ser ignorado. A cor influencia na percepção do tamanho do espaço, as cores claras apresentam a sensação de que o espaço é maior e mais aberto enquanto as cores escuras menores e mais fechados (SUNDSTROM, 1987). Fischer e Vischer (1997) apresentam uma relação das diferentes sensações e os tipos de cores, as cores frias são mais relaxantes e são preferidas pelos homens, enquanto as cores quentes são de preferência feminina e são mais estimulantes. Os estudos de Stone e English (1998) mostraram que a cor vermelha afeta negativamente o desempenho das tarefas de baixa exigência enquanto a cor azul evita as consequências negativas do desempenho, porém não houve alteração na satisfação em relação a estas duas cores. A cor vermelha tende a desviar a atenção para fora da tarefa e a azul proporciona aos ocupantes a focarem a atenção sobre a tarefa. A cor azul desenvolve a percepção de temperatura mais baixa e um espaço mais calmo enquanto a cor vermelha traz a percepção de um ambiente mais quente e menos tranquilo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma grande preocupação das organizações está em promover melhores condições de trabalho, o que é, muitas vezes, representado por aumentos salariais, regalias sociais, duração do trabalho e horário, entre outros aspectos, mas com menor enfoque nas condições físicas de trabalho. Porém, como apresentado no decorrer do texto, os aspectos do ambiente físico também influenciam no comportamento dos trabalhadores durante suas atividades laborais.

Conclui-se que há necessidade de investir na compreensão do comportamento humano de trabalho dentro das situações reais de trabalho, bem como considerar o ambiente físico como um todo, não apenas em nível dos estudos teóricos, mas também focar em estudos empíricos de campo. Esses estudos traduzem-se por uma melhor compreensão tanto dos critérios o ambiente físico como também dos processos psicológicos subtendidos ao comportamento humano dos colaboradores que os usufruem e para quem os espaços organizacionais são construídos.

REFERENCIAS

BATTISTON, M.; CRUZ, R. M.; HOFFMANN, M. H. Condições de trabalho e saúde de motoristas de transporte coletivo urbano. *Estudo de Psicologia*, v. 11, n. 3, p. 333-343, 2006.

BOSTI. The impact office environment on productivity and quality od working life. Fisrt Interim Report. Buffalo, NY; *Buffalo Organization for social and Technological Inovation*, 1984.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I.; CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. A. Ambiente. In: Temas básicos em psicologia ambiental. Cavalcante, S.; Elali, G. A. (org.), 2011.

CANTER, D.; CRAIK, K. Environmental psychology. *Journal of Environmental Psychology*. 1:1-11, 1981.

CANTER, D.; DONALD, I. Environmental Psychology in the United *Kingdon*. New York, Willey, 1986.

ELALI. G. A. *Psicologia e Arquitetura: em busca do locus* interdisciplinar. Pesquisa de Psicologia. 2(2), 349-362, 1997.

FISHER, G. N.; VISCHER, J. *L'évaluation des environnements de travail*. La méthode diagnostique. Paris, Bruxelles: De BoeckUniversité, 1997.

GIFFORD, R. Environmental psychology: manifold visions, unity of purpose. *Journal of Environmental Psychology*, n. 29, p. 387-389, 2009.

- NEUMANN, Mariana. KUHNE, Ariane. **Características da psicologia ambiental em ambientes laborais**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.13, nº 4, p. 59-69 TRI IV 2019. ISSN 1980-7031
- GÜNTER, H. Mobilidade e affordancel como cerne dos Estudos Pessoa-Ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 273-280, 2003.
- GÜNTHER, H.; ROZESTRATEN, R. J. A. *Psicologia Ambiental: Algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino*. Série: Textos de Psicologia Ambiental, nº 07. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2005. Disponível em: www.psi-ambiental.net. Acesso em 12 de maio/2019.
- ITTELSON, W. H., PROSHANSKY H. M., RIVLIN, L. G.; WINKEL G. H. Homem ambiental. Série: *Textos de Psicologia Ambiental*, Nº 14 (tradução J. Pinheiro). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2005.
- KJELLBERG, A. LANDSRTOM, U.; TESARZ M.; SODERBERG, L.; AKERLUND, E. The effects of nonphysical noise characteristics, ongoing task and noise sensitivity on annoyance and distraction due to noise at work, *Journal of Environmental Psychology*. 16(2): 123-136, 1996.
- MOSER, G. Psicologia ambiental. *Estudos de Psicologia*, 3(1),121-130, 1998.
- MOSER, G. A psicologia ambiental: competência e contornos de uma disciplina, comentários a partir das contribuições. *Psicologia USP*, 16(1/2), 279-294, 2005.
- NAGY, E. YASUNAGA, S.; KOSE,S. Japanese office employees psychological reactions to their underground and above-ground office. *Journal of Environmental Psychology*, 15: 123-134, 1995.
- PALMADE, G. *Interdisciplinarietà e Ideologias*. Madrid: Narcea, 1979.
- PROSHANSKY, H. An environmental psychologist's perspective on the Interdisciplinary approach in psychology. In J. H. Harvey (Ed.), *Cognition, social behavior, and the environment* (pp. 3-20). Hillsdale, NJ: LEA, 2005.
- RIBEIRO, T. Ocupacional accident senários and work spaces in industrial environmentats. *People, Places and Sustainability*. Toronto: Hogrefe & Huber Publishers, 2005.
- RIVLIN, L. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*. 8(2), 215-220, 2003.
- STONE, N. J.; ENGLISH, A. J. Task tupe, posters, and workspace color and mood, satisfaction, and performance. *Journal of Environmental Psychology*, 18 (2): 175-185, 1998.
- STONE, N. J.; IRVINE, J.M, Direct or indirect window access, task type, and performance. *Journal of Environmental Psychology*, Volume 14, Issue 1, March 1994, Pages 57-63.
- SUNDSTROM, E. Work environments: Offices and factories. In: D. Stokols and I. Altman (Eds.). *Handbook of Environmental Psychology*, vol. 1. New Yourk: John Wiley & Sons, 1987.
- UZZEL, D. Questionando os métodos na pesquisa e na prática interdisciplinares da psicologia ambiental. *Psicologia USP*, 16(1/2), 185-199, 2009.

NEUMANN, Mariana. KUHNE, Ariane. **Características da psicologia ambiental em ambientes laborais**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.13, nº 4, p. 59-69 TRI IV 2019. ISSN 1980-7031

VALERA, S. Psicología ambiental: bases teóricas y epistemológicas. Em L. Iñiguez & E. Pol (Eds.), *Cognición, representación y apropiación del espacio* (pp.1-14). Barcelona: Publicacions Universidad de Barcelona, 1996.

VERDUGO, C. V. Environmental psychology: object, sociophysical “realities” and cultural views of environment-behavior interactions. *Psicologia USP*, 16(1/2), 71-87. 2005.